

**Funções sedativa, ansiolítica e anticonvulsionante de plantas do gênero Erythrina****Sedative, anxiolytic and anticonvulsant functions of plants of the genus Erythrina****Funciones sedantes, ansiolíticas y anticonvulsivas de plantas del género Erythrina**

DOI: 10.5281/zenodo.12518174

Recebido: 29 mai 2024

Aprovado: 19 jun 2024

**Andréia Rafaela de Melo**

Especialista em Gestão de Programa Saúde da Família  
Instituição de formação: FACIBE  
Endereço: (Cachoeirinha – Pernambuco, Brasil)  
Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0001-9592-5254>  
E-mail: andreia\_rafaela\_melo@hotmail.com

**José André Melo**

Especialista em Gestão Escolar Integradora  
Instituição de formação: Faculdade FAMART  
Endereço: (Cachoeirinha – Pernambuco, Brasil)  
Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0009-8510-5103>  
E-mail: jose.anmelo@professor.educacao.pe.gov.br

**Luan Antônio dos Santos Cabral**

Licenciatura em Ciências Biológicas  
Instituição de formação: Universidade Federal de Pernambuco  
Endereço: (Bezerros – Pernambuco, Brasil)  
Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-4642-7221>  
E-mail: luan.ascabral@outlook.com

**Priscila de Oliveira Silva**

Enfermagem  
Instituição de formação: Centro Universitário Mauricio de Nassau  
Endereço: (Caruaru – Pernambuco, Brasil)  
Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-8448-0755>  
E-mail: priscilajailson12@gmail.com

**Maria Jose da Silva**

Enfermagem  
Instituição de formação: Centro Universitário Mauricio de Nassau  
Endereço: (Caruaru – Pernambuco, Brasil)  
Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0001-4556-7794>  
E-mail: maria.nice2009@hotmail.com

**Azriele Kauane de Souza Santos**

Enfermagem  
Instituição de formação: Centro Universitário Mauricio de Nassau  
Endereço: (Caruaru – Pernambuco, Brasil)  
Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0003-4680-2244>

E-mail: azrielekauane17@gmail.com

**Carlos Danilo da Silva**

Enfermagem

Instituição de formação: Centro Universitário Mauricio de Nassau

Endereço: (Vertente do Lério – Pernambuco, Brasil)

Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0001-4229-5746>

E-mail: carlosdanilo40s@gmail.com

**Amanda Maria Antônia da Silva**

Saúde Coletiva

Instituição de formação: Universidade Federal de Pernambuco

Endereço: (Vitória de Santo Antão – Pernambuco, Brasil)

Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0002-7802-817x>

E-mail: amandadasilva1227@gmail.com

**RESUMO**

O gênero Erythrina são plantas medicinais nativas do Brasil, e estão presente do Nordeste ao Sul do país. São conhecidas popularmente como: mulungu, árvore-de-coral, bico-de-papagaio, canivete, amansa-senhor, etc. São um potente tranquilizante, empregado na medicina tradicional como terapia para a ansiedade, insônia, agitação psicomotora e tosse nervosa. O presente trabalho tem como objetivo realizar uma revisão integrativa da literatura acerca das propriedades medicinais do gênero Erythrina, abordando popularmente o uso medicinal da Erythrina para tratamento da ansiedade e os devidos aspectos desta patologia, além do seu uso como sedativo e anticonvulsivante.

**Palavras-chave:** Erythrina. Fitoterápicos. Mulungu.

**ABSTRACT**

The genus Erythrina are medicinal plants native to Brazil, and are present from the Northeast to the South of the country. They are popularly known as: mulungu, coral tree, parrot's beak, knife, amansa-senhor, etc. They are a potent tranquilizer, used in traditional medicine as a therapy for anxiety, insomnia, psychomotor agitation and nervous coughs. The present work aims to carry out an integrative review of the literature on the medicinal properties of the genus Erythrina, popularly addressing the medicinal use of Erythrina to treat anxiety and the appropriate aspects of this pathology, in addition to its use as a sedative and anticonvulsant.

**Keywords:** Erythrina. Phytotherapeutics. Mulungu.

**RESUMEN**

El género Erythrina son plantas medicinales originarias de Brasil, y están presentes desde el Noreste al Sur del país. Se les conoce popularmente como: mulungu, árbol de coral, pico de loro, cuchillo, amansa-senhor, etc. Son un potente tranquilizante, utilizado en la medicina tradicional como terapia para la ansiedad, el insomnio, la agitación psicomotora y la tos nerviosa. El presente trabajo tiene como objetivo realizar una revisión integradora de la literatura sobre las propiedades medicinales del género Erythrina, abordando popularmente el uso medicinal de Erythrina para tratar la ansiedad y los aspectos apropiados de esta patología, además de su uso como sedante y anticonvulsivo.

**Palabras clave:** Eritrina. Fitoterapéuticos. Mulungu.

## 1. INTRODUÇÃO

O gênero *Erythrina* comprehende cerca de 115 espécies distribuídas em todas as regiões tropicais do mundo, estendendo-se nas áreas quente-temperadas, como no Sul da África, na Cordilheira do Himalaia e no sudeste dos Estados Unidos (BRANDÃO, 1993). As espécies de *Erythrina* ocorrem numa ampla variedade de habitats, desde o bosque tropical chuvoso de terras baixas a desertos subtropicais muito áridos até bosques montanos de coníferas acima de 3.000 m de altitude (NEILL, 1993).

Atualmente, são reconhecidos cinco subgêneros e 26 seções na subdivisão taxonômica de *Erythrina*: 70 espécies são conhecidas nas Américas, 31 na África e 12 na Ásia e Oceania (KAUSHAL et al, 2020). No Brasil, são encontradas cerca de 12 espécies, das quais oito ocorrem no Nordeste (GUEDES-OLIVEIRA et al, 2023).

A casca e os frutos dessa espécie são empregados na medicina popular em algumas regiões do Nordeste, embora a eficácia e a segurança do seu uso ainda não tenham sido comprovadas cientificamente (BARROS, 1982). Assim, seu uso vem sendo feito com base na tradição popular. São atribuídas às preparações de sua casca propriedades sudoríferas, calmante, emoliente e peitoral, e ao seu fruto seco, ação anestésica local, quando usado na forma de cigarro, como odontálxico (FERRO et al, 1988).

A infusão da casca é empregada como sedativo e calmante de tosses e bronquites, bem como no combate a verminoses e no tratamento de hemorróidas; o cozimento (decocto) é indicado para agilizar a maturação dos abcessos nas gengiva. É curativa nas picadas de lacraia (*Scolopendra morsitans*) ou de escorpião (*Tytius bahiensis*) (LORENZI, MATOS, 2002).

A ansiedade atualmente é uma das mais frequentes desordens psiquiátricas, no Brasil, os transtornos ansiosos encontra-se entre os mais prevalentes diagnósticos psiquiátricos, sendo a maior prevalência para o sexo feminino (BRANDÃO, 2015). Segundo a OMS (2017), o número de casos de ansiedade cresceu expressivamente em todo o mundo, o Brasil apresentando uma totalização de mais de 18 milhões de pessoas com transtorno de ansiedade.

Nesse sentido, estudos vêm demonstrando que o uso de algumas plantas medicinais podem ser coadjuvantes no tratamento agindo como ansiolíticos naturais (SARRIS, 2017). A planta medicinal do gênero *Erythrina* são usualmente utilizadas para acalmar a agitação, atenuar a insônia e outras disfunções do sistema nervoso (TEIXEIRA; MELO, 2006), além de possuir destaque por produzir alcaloides, flavonoides, isoflavonas (GONÇALVES et al., 2014).

O presente trabalho tem como objetivo realizar uma revisão integrativa da literatura acerca das propriedades medicinais do gênero *Erythrina*, abordando popularmente o uso medicinal da *Erythrina* para

tratamento da ansiedade e os devidos aspectos desta patologia, além do seu uso como sedativo e anticonvulsivante.

## 2. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento descritivo deste trabalho, buscou-se por meio de uma revisão bibliográfica, de cunho científico, utilizar como fonte de pesquisa as principais bases de dados como: literatura científica, periódicos nacionais e internacionais indexados, monografias, dissertações, teses, revistas científicas, revistas eletrônicas, Ministério da Saúde (MS), ANVISA, Google Acadêmico e Scielo (Scientific Electronic Library Online).

Os critérios de inclusão adotados foram: trabalhos disponíveis na íntegra, de forma gratuita, no idioma português e que abordaram a temática estudada com clareza. Apenas os estudos que atenderem aos critérios de inclusão foram selecionados para compor a revisão bibliográfica. Os dados pertinentes foram extraídos dos estudos selecionados e sintetizados de forma organizada e clara, possibilitando uma compreensão sobre o tema estudado.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O uso das plantas medicinais se tornou uma tradição milenar devido aos seus efeitos terapêuticos, a espécie *Erythrina mulungu* (*E. mulungu*) tem ação sedativa, ansiolítica e anticonvulsivante, e é utilizada nos casos mais leves de ansiedade. A ansiedade é considerada uma doença quando seus sintomas são intensos e frequentes, alterando o comportamento do indivíduo. A presença de flavonoides e alcaloides produz efeitos ansiolíticos comprovados nos testes em animais, os quais obtiveram resultados tanto no tratamento agudo quanto no crônico (BOTELHO, DE OLIVEIRA, DE ANDRADE, 2021).

Em vários estados brasileiros, infusões de mulungu são utilizadas no preparo de banhos e garrafadas medicinais, com o propósito de afastar forças negativas, trazer paz e tranquilidade (DURIGAN, 2004). No candomblé, há relatos do uso de decoto feito com lascas do tronco ou da raiz de mulungu durante o tempo de reclusão exigido aos iniciantes, a fim de deixá-los mais tranquilos e relaxados. Partes da planta são largamente comercializadas em feiras livres e casas de artigos religiosos. É bastante comum a substituição de uma espécie pela outra, dependendo da disponibilidade local. Alguns trabalhos evidenciam que os alcaloides responsáveis pelos efeitos farmacológicos estão presentes em todas estas espécies, porém em doses variáveis (FERRO, PEREIRA, 2020).

Lorenzi e Matos (2008) destacam que plantas do gênero *Erythrina* são popularmente usadas para acalmar a agitação, para a insônia e outros distúrbios do sistema nervoso. As espécies do gênero *Erythrina*

se destacam por produzirem alcalóides, flavonóides e isoflavonóides (GONÇALVES et al., 2014). A espécie *Erythrina velutina* está amplamente disseminada no nordeste brasileiro (SILVA, 2012) tem suas folhas, frutos e cascas do caule utilizadas na medicina popular como sedativo e calmantes natural e a tinturadas cascas do caule é consumida para o tratamento de ansiedade e insônia (RAMOS et al., 2020; FERREIRA et al., 2021).

Dentre as propriedades medicinais, são atribuídas à casca propriedades sudoríferas, calmante, emoliente e peitoral e ao fruto seco, ação anestésica local quando usado na forma de cigarro como odontalgico (LORENZI; MATOS, 2008). A planta é ainda popularmente utilizada no combate a dores de cabeça, febre, insônia, inflamações, hipertensão e diabetes (ALBUQUERQUE et al., 2007).

O trabalho realizado por Santos (2022) mostrou que os alcalóides eritrevina e 11-hidroxi-eritrevina presentes em apresentaram eficácia em testes farmacológicos pré-clínicos *in vivo*, se mostrando eficaz nos receptores do sistema nervoso central, afirmado seus efeitos diante o uso popular em sua forma de alcoolaturas, evidenciando a necessidade de realização de estudos clínicos, considerando seu potencial como nova opção para fitoterápicos ansiolíticos e na atuação contra a insônia, com menos efeitos colaterais comparados aos fármacos atuais utilizados e menos dependência.

Com a difusão dos conhecimentos tradicionais, as cascas passaram a ser comercializadas em grande escala, entretanto a composição dos seus metabólitos pode variar dependendo da região de coleta, época do ano, entre outros fatores. Além disso, a maneira como os chás ou infusões são preparados pode interferir na quantidade dos princípios ativos extraídos, o que compromete a eficiência do seu uso (CAVALLIERI et al, 2019). O autor ainda destaca que foi possível constatar que *E. mulungu* apresenta um perfil alcaloídico diverso, cujos resultados biológicos estão relacionados ao uso tradicional.

Outros autores que destacam o uso de *Erythrina* como ansiolítico devido a presença alcalóides, flavonóides e isoflavonóides são Flausino Júnior e Souza (2006); Palumbo, Gardin e Nakamura (2016); Santiago, Damasceno e Cavelet (2022); e Silva (2020).

A planta *Erythrina mulungu* (Leguminosae-Papilionaceae) utilizada pela população na forma de chá e em preparações fitoterápicas industriais possui, além das propriedades sedativas e ansiolíticas, propriedades anticonvulsivantes. A atividade anticonvulsivante tem sido foco de pesquisas de nosso grupo através de modelos animais de estado patológico agudo, constatando serem os alcalóides (+)-eritrevina, (+)-11 $\alpha$ -hidroxieritrevina e erisotrina os responsáveis pelos efeitos observados (ROSSETE, 2015).

Um estudo realizado por Rossete (2015) utilizou ratos Wistar (200-220g) induzidos ao status epilepticus (SE) pelo uso de pilocarpina, que reproduz em muito a ELT crônica observada em pacientes humanos. Posteriormente, estes animais foram tratados por quatro dias consecutivos e as incidências de

crises recorrentes, a latência para as crises e o número de mortes de animais monitoradas para avaliar o desempenho anticonvulsivante de diferentes doses dos alcalóides por um período de 15 dias, em comparação com grupos controles positivos e negativos. Ao final deste período, realizou-se análise histológica da região hipocampal dos animais através do método do Cresil-Violeta (Método de Nissl) para observação da atividade neuroprotetora em nível da viabilidade das células neuronais, sobretudo nas áreas hipocampais CA1, CA3 e Giro Denteado (ROSSETE, 2015).

Os resultados revelaram que os tratamentos com os alcalóides apresentaram atividade anticonvulsivante equiparada aos tratamentos com os grupos controles positivos, constituídos de anticonvulsivantes clássicos usados no tratamento da ELT (Diazepam, Carbamazepina, Quetamina e Fenitoína). Quando comparadas as estimativas de morte de células piramidais do hipocampo, os dados indicaram que todos os tratamentos com os diferentes alcalóides, tão bem como com os anticonvulsivantes comuns, exerceram um efeito neuroprotetor significativo em relação ao grupo controle negativo, no que se entende menor morte neuronal como neuroproteção. Finalmente, estes dados demonstram os efeitos anticonvulsivante e neuroprotetor dos alcalóides eritrínicos em escala crônica, corroborando resultados anteriores em escala aguda, revalidando assim o potencial biotecnológico dos referidos compostos em teste (ROSSETE, 2015).

Outros trabalhos que citaram além das propriedades sedativas e ansiolíticas, as propriedades anticonvulsivantes foram Da Costa et al., (2022) e Silva et al., (2020).

Entretanto, Mello e demais autores (2006), em um trabalho sobre a toxicidade pré-clínica de fitoterápica contendo *Passiflora alata*, *Erythrina mulungu*, *Leptolobium elegans* e *Adonis vernalis*, alertam sobre informações sobre toxicidade em doses repetidas, que não são disponíveis, não havendo registros de estudos que incluem efeitos sobre a reprodução, teratogenicidade, genotoxicidade e mutagenicidade em relação a medicamentos a base de plantas medicinais utilizando as fitoterápicas citadas. Com isso, os autores alertam que medicamentos à base destas plantas podem causar efeitos tóxicos quando administrados em doses repetidas.

Tlumaski (2020), em um trabalho onde foi utilizada a casca de *Erythrina mulungu* para realizar os experimentos de teor de umidade, cinzas totais e a determinação de material estranho nas amostras obtidas, certificou-se que três das amostras estavam dentro dos parâmetros de qualidade exigido e uma amostra possuía quantidade significativa de material estranho. O conhecimento sobre a planta revela a importância do procedimento de parâmetros de qualidade a fim de obter um produto ou extrato com comprovação de qualidade e eficácia para não causar riscos ou danos à saúde.

#### 4. CONCLUSÃO

Podemos concluir que as plantas do gênero *Erythrina* são drogas vegetais com ativos relevantes que provavelmente através de mais pesquisas e experimentos pode-se encontrar uma ampla gama de substâncias ativas com muitas finalidades, além das pesquisas atuais feitas até o momento.

#### REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE A. P.; et al. Plantas medicinais e mágicas de mercado público no Nordeste do Brasil. *J. Ethnopharmacol.*, 110, 76-91. 2007.

BARROS, M. A. G. Flora medicinal do Distrito Federal. Brasil Florestal, Brasília, DF, v. 12, n. 50, p. 35-45, 1982.

BOTELHO, R. M.; DE OLIVEIRA, L. S.; DE ANDRADE, L. G. Estudo da utilização popular da espécie medicinal *Erythrina mulungu* Mart. Ex Benth no transtorno da ansiedade. *Revista Ibero-americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 7, n. 10, p. 1331-1345, 2021.

BRANDÃO, L.E.M. **Avaliação dos efeitos do extrato de Passiflora cincinnata Masters em camundongos: efeitos na ansiedade e potencial neuroprotetor.** [Dissertação de mestrado] Pós-Graduação em Psicobiologia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal. 2015.

BRANDÃO, M. O gênero *Erythrina* L. no PAMG - herbário da Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais. *Daphne*, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 20-25, jan. 1993.

CAVALLIERI, K.; et al. Estudo químico e avaliação biológica dos alcalóides presentes em *Erythrina mulungu* (Fabaceae). 2019.

DA COSTA, E. M.; et al. Influência das plantas do gênero *Erythrina* no sistema nervoso: Uma revisão integrativa. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 16, 2022.

DE MELLO, F. B.; LANGELOH, A.; DE MELLO, J. R. B. Toxicidade pré-clínica de fitoterápico contendo *Passiflora alata*, *Erythrina mulungu*, *Leptolobium elegans* e *Adonis vernalis*. *Lat Am J Pharm*, v. 26, n. 2, p. 191-200, 2007.

DURIGAN, G. et al. **Plantas do cerrado paulista: imagens de uma paisagem ameaçada.** São Paulo: Páginas & Letras Editora Gráfica, 2004, p. 201.

FERREIRA, G. D.; et al. TINTURA DE MULUNGU (*Erythrina velutina*): PREPARO E CARACTERIZAÇÃO DE PARÂMETROS DE QUALIDADE. *Journal of Biology & Pharmacy*, v. 17, n. 1, 2021.

FERRO, D.; PEREIRA, A. M. S. **Fitoterapia: Conhecimentos tradicionais e científicos, vol. 1.** 1 ed. São Paulo: Bertolucci, 2018, p. 340.

FERRO, E. S.; et al. Atividade farmacológica do mulungu (*Erythrina velutina* Willd.). In: SIMPÓSIO DE PLANTAS MEDICINAIS DO BRASIL, 10, 1988. Resumos. São Paulo: Escola Paulista de Medicina, 1988.

FLAUSINO JUNIOR, O. A.; SOUZA, R. L. N. Análise fitoquímica e estudo biomonitorado da atividade ansiolítica de *Erythrina* mulungu (Leguminosae-Papilionaceae) em camundongos submetidos a diferentes modelos animais de ansiedade. 2006.

GONÇALVES, L. O.; et al. Caracterização genética de mulungu (*Erythrina velutina* Willd.) em áreas de baixa ocorrência. **Revista Ciência Agronômica**, v. 45, n. 2, p. 290-298, 2014.

GUEDES-OLIVEIRA, R.; et al. *Erythrina* L. (Phaseoleae, Papilionoideae, Leguminosae) do Brasil: um tratamento nomenclatural atualizado com notas sobre etimologia e nomes vernáculos. **PhytoKeys**, v. 1, 2023.

KAUSHAL, A.; et al. Revisão etnomedicinal, fitoquímica, terapêutica e farmacológica do gênero *Erythrina*. **Revista Internacional de Estudos de Botânica**, v. 6, pág. 642-648, 2020.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas cultivadas. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. 512 p.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas medicinais no Brasil: Nativas e exóticas**. 2 ed. São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos da Flora Ltda, 2008, p. 281.

NEILL, D. A. The genus *Erythrina*: taxonomy, distribution and ecological differentiation. In: WESTLEY, S. B.; POWELL, M. H. (Ed.). *Erythrina in the New and Old Worlds*. Paia: Nitrogen Fixing Tree Association, 1993. p. 15-27.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Depression and Other Common Mental Disorders: Global Health Estimates**. Genebra, 2017.

PALUMBO, C. F. G.; GARDIN, N. E.; NAKAMURA, U. M. *Erythrina* mulungu Mart. ex Benth e *Erythrina velutina* Willd: aspectos farmacológicos e perspectiva antroposófica de plantas brasileiras. **Arte Med Ampl**, v. 36, n. 4, p. 152-61, 2016.

RAMOS, R. M.; et al. Estudo comparativo da composição fitoquímica, citotoxicidade e potencial antioxidante e fotoprotetor da casca e folha de *Erythrina velutina*/Comparative study of phytochemical composition, cytotoxicity and potentials antioxidant and photoprotector of the bark and leaf of *Erythrina velutina*. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 6, p. 33140-33158, 2020.

ROSSETE, E. A. G. Análise da atividade anticonvulsivante e neuroprotetora de alcalóides eritrínicos da planta *Erythrina* mulungu Mart. ex Benth em ratos submetidos ao modelo de epileptogênese induzida pela pilocarpina. 2015.

SANTIAGO, I. F.; DAMASCENO, H. G. M. C.; CAVELET, L. C. **PERFIL FARMACOLÓGICO DA E. MULUNGU (ERYTHRINA VELUTINA) NO TRANSTORNO DE ANSIEDADE**. **Revista Ibero-americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 8, n. 10, p. 1711-1720, 2022.

**SANTOS, M. F. O USO DA *Erythrina velutina* (MULUNGU) COMO RECURSO TERAPÊUTICO PARA OS TRANSTORNOS DE ANSIEDADE: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.** 2022. Dissertação de Mestrado.

SARRIS, J. *Herbal medicines in the treatment of psychiatric disorders: 10-year updated review*. Wiley, Austrália, v. 32, n. 7, p.1147-1162, 2017.

SILVA A. H. **Desenvolvimento e caracterização do extrato de *Erythrina velutina* para o tratamento de doenças neurodegenerativas.** 2012. 113f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

SILVA, L. S. A. *Potencial terapêutico de *Erythrina velutina* (mulungu) na ansiedade e insônia: uma revisão da literatura.* 2020.

SILVA, R. S.; et al. *Utilidades do Mulungu (*Erythrina velutina* Willd.). Brazilian Journal of Development*, v. 6, n. 3, p. 13779-13785, 2020.

TEIXEIRA, S. A.; MELO, J. I. M. *Plantas medicinais utilizadas no município de Jupi, Pernambuco, Brasil. IHERINGIA: Série Botânica*, v. 61, n. 1-2, p. 5-11, 2006.